

A escrita criativa como metodologia para a construção do texto poético

Maria Inês Viegas Graça

Relatório final de Prática de Ensino Supervisionada para obtenção do grau de mestre em
Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Professor doutor Artur Henrique Ribeiro Gonçalves

2014

A escrita criativa como metodologia para a construção do texto poético

Maria Inês Viegas Graça

Relatório final de Prática de Ensino Supervisionada para obtenção do grau de mestre em
Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Professor doutor Artur Henrique Ribeiro Gonçalves

2014

Declaração de autoria do trabalho

Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Maria Inês Viegas Graça

Copyright

Maria Inês Viegas Graça

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Agradecimentos

Ao professor doutor Artur Ribeiro Gonçalves, pelo voto de confiança, apoio e inspiração.

Ao professor doutor António Guerreiro, por ter acreditado em mim e no meu trabalho.

À professora Maria Teresa Aça, pela disponibilidade.

À professora Amanda Howarth, pela simpatia, disponibilidade e dedicação.

Às professoras-cooperantes e professores-supervisores, pela experiência e ensinamentos.

À minha mãe e ao meu pai, pelo apoio incondicional.

À minha família e amigos pela paciência e apoio.

Resumo

O presente relatório final de Prática de Ensino Supervisionada (PES), para obtenção do grau de mestre em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico, apresenta uma reflexão sobre o percurso que percorri ao longo do período em que decorreu a PES.

Este relatório centra-se na abordagem do percurso formativo escolar; da relação com os alunos; dum estudo acerca da temática do relatório; dum plano de ação desenvolvido no âmbito da área do português, mais propriamente a escrita criativa, com recolha de dados, reflexão e interpretação, onde apresento os trabalhos desenvolvidos pelos alunos.

Tendo como tema «A escrita criativa como metodologia para a construção do texto poético», este estudo apresenta práticas em contexto de sala de aula, em que os alunos, a trabalhar em grupo, recorrem à escrita e comunicação para expressar ideias textuais, através da produção de um texto poético elaborado pela turma, criado para este relatório. Na sua base está um trabalho focalizado para a mudança pedagógica na implementação de práticas criativas, em ambientes motivadores de aprendizagem, onde o professor deverá adotar a postura de colaborador no processo de escrita criativa e proporcionar em sala de aula atividades enriquecedoras e estimulantes, recorrendo e adaptando diversas estratégias de ensino-aprendizagem que promovam e incentivem o processo de escrita.

Palavras-chave: criatividade, escrita criativa, plano de ação, texto poético, percurso formativo.

Abstract

The present Supervised Teaching Practice final report (PES), for the attainment of the Master's Degree in Teaching of the 1st and 2nd cycles of Basic Education, presents a reflection on the path that I travelled, throughout the period in which the teaching practice was carried out.

This report focuses on the approach to school training; the relationship with the students; a study related to the theme of this report; a course of action developed in the area of portuguese, more specifically relating to creative writing, with the collection, reflection and interpretation of data, in which I will present the work carried out by my students.

Having as theme «Creative writing as a methodology for the construction of the poetic text», this study presents practices applied in the classroom, in which students, working in groups, use writing and communication to express textual ideas, through the production of a poem created by the class, for this report. The basis of this work focuses on a pedagogical change in the implementation of creative teaching practices, in motivating learning environments, where the teacher should assist in the creative writing process and carry out enriching and stimulating activities in the classroom, making use of and adapting various teaching and learning strategies aimed at promoting and incentivizing writing process.

Key words: creativity, creative writing, course of action, poetic text, school training.

Índice

Introdução.....	1
Capítulo 1 - Percurso formativo em contexto escolar.....	3
1.1 - Prática de Ensino Supervisionada no 1.º e 2.º CEB.....	3
1.2 - Prática de Ensino Supervisionada no 1.º CEB.....	4
1.3 - Prática de Ensino Supervisionada no 2.º CEB.....	4
Capítulo 2 - Relação com os alunos do 1.º e 2.º CEB	5
2.1 - Relação com os alunos do 1.º CEB.....	6
2.2 - Relação com os alunos do 2.º CEB.....	7
Capítulo 3 - Enquadramento da temática do relatório.....	8
3.1 - Justificação da temática.....	8
3.2 - Explorando conceitos: criatividade, escrita criativa e texto poético.....	9
Capítulo 4 - Metodologia.....	12
4.1 - Plano de ação em sala de aula.....	13
4.2 - Atividade 1: «Objetos inanimados podem contar histórias»	14
4.3 - Atividade 2: «Continuação da elaboração dos textos»	16
4.4 - Atividade 3: «Queremos personalizar o nome das personagens»	17
4.5 - Atividade 4: «Recortes»	17
Capítulo 5 – Conclusões.....	18
Reflexão final	32
Bibliografia	34
Anexos.....	36

Índice de figuras

Figura 1 - «Pierrot, árvore, anjo e uma bailarina no seu ninho no topo da árvore.».....	15
Figura 2 - «Aluno a recortar um jornal».....	27
Figura 3 - «Recorte e colagem».....	27
Figura 4 - «Mais recortes e ideias surgindo».....	27
Figura 5 - «Concentração e espírito de equipa».....	28
Figura 6 - «Minhoca Anoca».....	28
Figura 7 - «O Coelho do Bosque».....	29
Figura 8 - «A Bailarina-Mimi cheia de magia, dança sem parar.».....	29
Figura 9 - «O sol».....	30
Figura 10 - «Aspeto final do cartaz do 6.º B recortes».....	30
Figura 11 - «O título do cartaz».....	31

Tabela de siglas

CEB – Ciclo do Ensino Básico

IOE – Imaginação, Originalidade e Expressões

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PES – Prática de Ensino Supervisionada

UC – Unidade Curricular

Introdução

O presente relatório final reporta-se à minha PES, Unidade Curricular (UC), inserida no plano de estudos do mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve.

Os ciclos de estudos do ensino superior, no âmbito do processo de Bolonha, foram alvo de reformulações a nível estrutural. Para a docência, o nível de qualificação profissional passou a ser o de mestrado, demonstrando um esforço de elevação do nível de qualificação do corpo docente, com vista a melhorar a qualidade da sua preparação e a valorização do respetivo estatuto socioprofissional, estabelecido pelo decreto-lei N.º 43/2007, de 22 de fevereiro, que aprovou o regime jurídico da habilitação profissional para a docência. O novo sistema de atribuição de qualificação profissional para a docência reforça a área de iniciação à prática profissional, consagrando a PES «como o momento privilegiado e insubstituível, de aplicação dos conhecimentos, capacidades, competências e atitudes ao contexto real das situações concretas da sala de aula, da escola e da comunidade escolar» (despacho N.º 8322/201). Para a PES ocorrer, é sempre necessário estabelecer parcerias entre as instituições do ensino superior e os agrupamentos de escolas onde a PES se desenvolve, envolvendo os professores que orientam e supervisionam os estudantes e que são denominados professores-cooperantes.

De acordo com o previsto no regulamento do curso de mestrado em apreço, a UC PES carece da elaboração dum relatório final que apresente uma discurso crítico e reflexivo do estudante, relativamente ao seu percurso ao longo da prática nesta UC.

O presente relatório encontra-se separado por capítulos: percurso formativo em contexto escolar; relação com os alunos do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico (CEB); enquadramento da temática do relatório; plano de ação em sala de aula; metodologia; conclusões. No primeiro capítulo, percurso formativo em contexto escolar contextualizo o relatório, reflito acerca do meu percurso formativo efetuado ao longo da PES e do meu desenvolvimento enquanto futura docente do Ensino Básico. No capítulo seguinte, evoco a relação que desenvolvi com os alunos no 1.º e 2.º CEB, que me permitiu ponderar sobre metodologias utilizadas nas atividades desenvolvidas, na minha envolvência relacional e afetiva com a comunidade escolar, professores-cooperantes e supervisores. No terceiro capítulo, apresento um enquadramento teórico relativamente ao tema escolhido, onde justifico a escolha do tema. No quarto capítulo, exponho o

plano de ação em sala de aula onde exponho o que pretendi fazer, quais as metodologias utilizadas. No quinto capítulo apresento o que os alunos desenvolveram em sala de aula e quais as conclusões retiradas a partir dessas atividades.

Relativamente ao tempo de duração desta experiência profissionalizante, a PES no 1.º CEB teve início em 26 de setembro de 2012 e terminou em 30 de janeiro de 2013. Decorreu na Escola Básica de Moncarapacho (EB1 de Moncarapacho). Durante esse percurso, tentei atingir os objetivos a que me propus. Os primeiros dias foram de adaptação e conhecimento da dinâmica letiva, pedagógica e comportamental dos alunos em conteúdo de sala de aula e às estratégias utilizadas pela professora-cooperante. Familiarizada com estas especificidades, e após troca de impressões e reflexão conjunta com a professora-cooperante considerei produtivo desenvolver atividades em cinco áreas diferentes (expressões, matemática, história, português e ciências da natureza) participar e relacionar-me, ainda, com a instituição e com a comunidade educativa. A PES foi apoiada por cinco seminários temáticos que permitiram e facilitaram a passagem da teoria para a prática.

O 2.º CEB decorreu na Escola Dr. João Lúcio numa turma de 5.º ano de escolaridade. Mais uma vez tinha objetivos a alcançar, tais como: adaptar-me à turma, à comunidade educativa em geral e à professora-cooperante, desenvolvendo atividades na área da matemática e das ciências da natureza. As áreas do português, da história e geografia foram desenvolvidas no ano letivo seguinte (2013/2014), tendo início no dia 18 de novembro de 2014 e término no dia 31 de janeiro de 2014. A área de português foi desenvolvida numa turma do 6.º ano da escola EB 2,3 Dr. António João Eusébio (Moncarapacho). História e geografia decorreu na Escola Dr. João Lúcio (Fuseta), na mesma turma onde lecionei matemática e ciências da natureza no ano letivo anterior, agora no 6.º ano de escolaridade.

□Ao longo deste percurso de PES, é indispensável uma componente de reflexão de modo a capacitar os futuros docentes para a adoção de uma atitude crítica face ao seu desempenho profissional. Deste modo, apresento neste relatório uma reflexão acerca deste percurso e exponho também o desenvolvimento da temática «a escrita criativa como metodologia para a construção do texto poético», envolvendo algumas atividades abordadas e trabalhadas na turma de 6.º ano da escola EB 2,3 Dr. António João Eusébio (Moncarapacho), no âmbito da área do ensino do português.

Capítulo 1 - Percorso formativo em contexto escolar

Durante a PES, fui desenvolvendo vários aspetos inerentes ao meu percurso formativo. Pretendo, neste âmbito, caracterizar vários aspetos relativos à construção de aprendizagens, desenvolvimento de competências e metodologias, enquanto futura docente. Relativamente a esta UC (PES), também é minha intenção refletir sobre uma panóplia de aspetos a melhorar e das quais me fui apercebendo à medida do meu percurso.

1.1 - Prática de Ensino Supervisionada no 1.º e 2.º CEB

A PES é uma componente fulcral na vida de um futuro profissional para que este entenda que, «se é importante ele ter consciência dos problemas, também é importante que ele seja capaz de propor alternativas para a sociedade» (Fávero,1992:67). Esta formação inicial corresponde à base da aprendizagem e descoberta de conhecimentos, práticas metodológicas e à procura constante do aperfeiçoamento, permitindo o desenvolvimento de aspetos de natureza pessoal, social e profissional do futuro educador.

Stoll *apud* Morgado (2004:44) defende que «o desenvolvimento da qualidade na educação solícita que os professores assumam uma postura de reflexão e investigação, uma atitude de cooperação e uma disponibilidade para a aprendizagem permanente». Morgado (1999:55) acrescenta que o professor tem de ser levado «a considerar necessária uma atitude de permanente reflexão sobre as práticas que se desenvolvem e os princípios de natureza diferenciada que as sustentam». Desta forma, um dos papéis do professor é ponderar os seus valores, os seus saberes e as suas práticas.

A formação inicial é, por excelência, o período de iniciação do futuro profissional, sendo entendida como o «início, institucionalmente enquadrado e formal, de um processo de preparação e desenvolvimento da pessoa, em ordem ao desempenho e realização profissional numa escola ao serviço de uma sociedade historicamente situada» (Estrela, 2002:18). Esta fase da formação permite facultar aos futuros docentes saberes que os façam questionar acerca das suas metodologias e atitudes dentro da comunidade educativa.

1.2 - Prática Ensino supervisionada no 1.º CEB

Caseiro *apud* Tafoi (2011:41) insere o conceito de supervisão como um novo modelo de intervenção «e ação docente, remetendo para conceitos como finalidades, competências, estratégias, responsabilidade e (co) responsabilidade, monitorização, avaliação, gestão do currículo e da qualidade».

Durante a prática no 1.º Ciclo do Ensino Básico, o meu percurso decorreu sob o olhar atento e experiente da professora-cooperante, juntamente com o dos professores-supervisores. Estes colaboraram para o meu desenvolvimento e aperfeiçoamento enquanto futura profissional da educação, alertando-me sempre, de entre outros aspetos, para a importância da gestão do tempo para que a planificação fosse cumprida de forma dinâmica, motivadora e produtiva nas atividades letivas propostas e desenvolvidas pela turma. A prática pedagógica no 1.º CEB assumiu um papel fundamental, conjugando fatores indispensáveis para a formação e desenvolvimento de um futuro professor. As atividades que desenvolvi e que passaram pela promoção, dinamização e participação em projetos e outras atividades, que não apenas em contexto de sala de aula, proporcionaram momentos de formação muito enriquecedores e decorreram em perfeita harmonia com toda a comunidade escolar. Amizade, espírito de grupo, camaradagem, espírito de ajuda, são alguns dos valores que advieram destas atividades e nas quais estiveram envolvidos alunos, professores, encarregados de educação, assistentes técnicas e operacionais e comunidade em geral.

A professora-cooperante teve um papel fundamental no meu crescimento pessoal e profissional, mostrando grande receptividade em relação à minha chegada, presença e desempenho dentro e fora da sala de aula (quando as atividades assim o exigiam).

1.3 - Prática de Ensino Supervisionada no 2.º CEB

A supervisão, inicialmente pensada só em termos da formação inicial e do contexto de sala de aula, necessita ser repensada numa dimensão mais ampla e como melhoria «da qualidade que lhe está inerente por referência, não só à sala de aula, mas a toda a escola (...) aos professores na dinâmica das suas interações entre si e com os outros, (...) na formação e pela educação que desenvolvem, (...) pela qualidade da escola» (Alarcão, 2000:8). Em suma, a supervisão remete-nos para o desenvolvimento profissional do futuro docente, desenvolvendo a sua capacidade de reflexão acerca das

suas ações tento sempre como principal objetivo o desenvolvimento e promoção dos processos de ensino-aprendizagem.

Tal como tinha ocorrido no 1.º CEB, os professores-cooperantes mostraram-se recetivos à minha chegada e permanência na sala de aula. Neste ciclo, mantive uma relação muito saudável e aberta com os docentes, principalmente com a professora de português, dando-me muito apoio em relação ao desenvolvimento de atividades na sala de aula e cedência de materiais. Levou-me sempre a refletir acerca das minhas ações em sala de aula, das metodologias utilizadas, o que se traduziu numa crescente responsabilização da minha parte, face ao trabalho a desenvolver com os alunos e à dinâmica mais produtiva e motivadora para os alunos. Um professor deve não só conhecer os conteúdos que leciona, como também deve saber como os alunos constroem os seus conhecimentos, como desenvolvem as suas capacidades mentais, conseguindo desta forma, estimular o aluno a pensar e a refletir alcançando assim o processo de ensino-aprendizagem.

A professora-cooperante (simultaneamente de português e história) deu-me a oportunidade de participar numa das reuniões de conselho de turma, onde tive a excelente oportunidade de assistir à reflexão dos vários professores da mesma turma juntamente com alguns encarregados de educação. Foi um momento muito importante na minha PES, pois permitiu-me ter acesso à dinâmica de uma reunião de conselho de turma, onde professores e encarregados de educação analisam e refletem sobre problemáticas, atitudes e valores e progressão nas aprendizagens, bem como se definem planos de melhoria para aumentar os níveis de sucesso escolar dos alunos.

Capítulo 2 - Relação com os alunos do 1.º e 2.º CEB

Desde o início da minha prática pedagógica, procurei sempre assumir, com os alunos, uma atitude de empatia, fomentando um ambiente de inclusão e, simultaneamente, promovendo o desenvolvimento da identidade individual e cultural, respeitando as diferenças e valorizando os diferentes saberes e culturas. «Ser professor não é só uma questão de possuir um corpo de conhecimentos e capacidade de controlo da aula (...) é preciso, igualmente, ter capacidade de estabelecer relações humanas com as pessoas a quem se ensina» (Connell, R., 1997:91). Participei nas atividades desenvolvidas nas pelas turmas, valorizando e estimulando sempre o bom desempenho

dos alunos promovendo, assim, um ambiente favorecedor e facilitador das aprendizagens.

É nesta fase que se dá o primeiro contacto com os conhecimentos profissionais e a realidade educativa. O futuro docente pretende que os seus alunos se motivem e adquiram conhecimentos e valores, conseguindo resolver os seus problemas, tanto a nível pessoal, social como profissional. García *apud* Mesquita (2010:5) «A fase da formação inicial é vivida numa instituição de formação de professores, onde o futuro professor assimila conhecimentos pedagógicos e onde começa por realizar as suas práticas de ensino». Daí a necessidade do futuro docente adotar uma atitude reflexiva baseada na ideologia de que os alunos são todos diferentes, sendo muitas vezes necessário adequar e diferenciar as metodologias, sem o que o sucesso educativo dos alunos e o seu desenvolvimento pessoal e social ficarão seriamente comprometidos.

2.1 - Relação com os alunos no 1.º CEB

Ao longo da PES no 1.º CEB (cerca de oito semanas) dei inicialmente prioridade ao conhecimento do meio social, económico e cultural de onde provinham os alunos com quem iria trabalhar. Este conhecimento (ainda que de uma forma geral) facilitou e favoreceu a minha relação com cada um deles e constituiu um elemento facilitador e motivador para as aprendizagens e para o desenvolvimento das atividades com a turma.

As atividades que orientei tiveram como base o programa curricular e as metas curriculares em vigor, respeitando, ainda, os conhecimentos e características específicas dos alunos da turma, adequando metodologias e recursos diversificados e adequados às atividades de aprendizagem, de modo a maximizar a participação de todos os alunos. O tempo foi gerido de forma a cumprir os objetivos planeados e a respeitar o ritmo de cada aluno. Para Perrenoud (2000:15), a competência «é a capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situações».

A turma do 1.º Ciclo era bastante heterogénea no que diz aos pré-requisitos, tendo alunos com um bom nível de desempenho e alunos que apresentavam algumas dificuldades, pois não dominavam esses pré-requisitos necessários a um «normal» acompanhamento das matérias trabalhadas. Deste modo foi crucial a adoção de estratégias variadas e que passaram pela organização do trabalho na turma, tendo sido desenvolvido o trabalho individual, a pares e em grupo. Relativamente ao processo de avaliação e autoavaliação dos alunos, proporcionei-lhes algumas oportunidades para que

reconhecessem os seus progressos e dificuldades, através de momentos de diálogo e de pequenos registos, envolvendo-os na autorregulação do seu processo de aprendizagem. O professor é um dos grandes modelos na vida do aluno, assim torna-se fulcral tomar uma atitude assertiva, confiante, atenta e participativa.

2.2 - Relação com os alunos no 2.º CEB

Ao longo da PES no 2.º CEB procurei desde logo que fosse criado um ambiente propício à aprendizagem dos alunos. Assim, incentivei-os a observar, a participar, a questionar e a formar as suas próprias ideias. Foi minha preocupação, também, incutir-lhes sentido de responsabilidade, de autonomia, aceitação e respeito pelos seus pares. Isto porque, contrariamente ao que seria de esperar jovens nesta faixa etária, o sentido de autonomia, responsabilidade, solidariedade, espírito crítico e de ajuda, eram nos alunos desta turma valores praticamente inexistentes. Os alunos das turmas onde desenvolvi a PES revelaram-se pouco solidários em relação aos colegas, tecendo muitas vezes críticas pouco construtivas, com o propósito de fragilizar e baixar a autoestima de alguns alunos. Daí ter achado necessário apelar ao espírito de tolerância e compreensão, que associado a atitudes de firmeza e justiça, contribuíram para o desenvolvimento do respeito mútuo e um clima mais favorável ao processo de ensino-aprendizagem. Com o passar do tempo, procurei intencionalmente utilizar um vocabulário mais elaborado e cientificamente correto procurando uma comunicação rigorosa e efetiva, no sentido de enriquecer e alargar o leque linguístico adequado ao ano de escolaridade dos alunos. Nesta fase de desenvolvimento, pautada pela irreverência, a transmissão destes valores e atitudes não são de fácil aceitação por parte dos alunos, daí ser necessário recorrer a recursos diversificados e motivadores, fazendo a necessária adequação ao nível etário, maturidade, motivação, interesses, ritmo de aprendizagem e dificuldades dos alunos.

Também no 2.º Ciclo, as turmas evidenciaram muita heterogeneidade ao nível das aprendizagens, à semelhança do 1.º Ciclo. Daí ter sido necessário agir tendo o cuidado de ouvir os alunos e esclarecer as suas dúvidas, favorecer momentos de diálogo com a turma, incentivando-os a participar e valorizar todas as intervenções.

No que diz respeito à metodologia de trabalho utilizada, recorri à observação direta do desempenho e envolvimento dos alunos na realização das tarefas na sala de aula e efetuei sempre com os alunos a correção dos trabalhos, com o objetivo de serem os próprios, ainda que com a minha ajuda e orientação, a detetarem os erros cometidos e

superarem as suas dificuldades. Compreendendo onde e porque se errou ajuda os alunos a ultrapassar as suas dificuldades e a melhorar o desempenho.

Capítulo 3 – Enquadramento da temática do relatório

3.1 - Justificação da temática

A turma do 6.º ano do 2.º CEB, pertencente à Escola EB 2,3 Dr. António João Eusébio do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Fernandes Lopes, era composta por dezoito alunos, sendo dez do sexo masculino e oito do feminino. Esta turma revelou-se, de uma forma geral, interessada e participativa, à exceção de alguns alunos cuja insegurança dificultou uma participação mais ampla, expressando de forma sucinta algumas sugestões. No geral, os alunos eram educados, respeitavam os deveres definidos no estatuto de aluno e outros, dentro e fora da sala de aula, mantinham boas relações com os seus pares e com todos os membros da comunidade escolar. Quatro dos alunos apresentavam Necessidades Educativas Especiais (NEE), sendo-lhes por isso aplicadas várias medidas educativas, tais como: apoio pedagógico personalizado, adequações no processo de avaliação e tecnologias de apoio. Em suma, o aproveitamento da turma não era homogéneo. Alguns alunos, sobretudo os que apresentavam NEE, usufruíam de adaptações nas atividades propostas e de mais tempo para as resolver. Os restantes alunos eram mais autónomos e resolviam as atividades propostas no horário previsto.

No período de observação da prática docente decorrida ao longo da PES foram evidentes, algumas dificuldades sentidas pelos alunos no desenvolvimento de atividades que envolvessem a expressão escrita, denotando-se alguma ausência de pré-requisitos e competências, pouca prática na resolução de atividades similares e alguma insegurança. Foi a partir desta observação que surgiu a ideia de implementar um projeto de escrita criativa, para ajudar a resolver algumas destas problemáticas e incutir nos alunos uma maior predisposição e motivação para a escrita.

3.2 - Explorando conceitos: criatividade, escrita criativa e texto poético

Para fomentar e desenvolver a escrita criativa, é crucial saber o que se entende por criatividade. As noções e definições existentes têm vindo a ser desenvolvidas ao longo dos anos e não são consensuais pelo facto de ser um assunto bastante complexo e subjetivo. À falta de teorias permanentes e bem estruturadas, as que subsistem são válidas e complementares.

Segundo Fernández (1996), Guilford, nos anos 50, fazia parte de um grupo de psicólogos que elaboraram testes através dos quais pretendiam medir a capacidade criativa das pessoas. Nessa ótica, desenvolveu o conceito de «pensamento divergente», uma forma de pensamento original para resolver problemas que se veio opor ao «pensamento convergente», que é um pensamento lógico, racional e convencional. Por sua vez, o «pensamento divergente» é um pensamento mais impulsivo, emocional e expressivo, voltado para a produção de muitas ideias diferentes. Os testes concebidos por Guilford e os seus colaboradores procuraram chegar ao «pensamento divergente» através de perguntas e tarefas que permitem várias soluções, sendo considerada a melhor, a solução menos convencional. Outra das teorias divulgadas sobre o pensamento criativo é a de Edward de Bono, que dá continuidade à distinção de Guilford. De Bono *apud* Fernández (1996) define o pensamento criativo como um «pensamento lateral» em oposição a um «pensamento vertical». De Bono entende por «pensamento vertical» um pensamento lógico, matemático e seletivo, que se dirige numa só direção, definida *a priori*. O «pensamento vertical» só processa informações relacionadas com um problema específico. O «pensamento lateral» integra, nos seus procedimentos mentais, informações que pouco ou nada têm a ver com o problema em si. Trata-se de um pensamento criador que procura novas visões e possibilidades, concebendo, assim, uma nova direção: o pensamento como um processo de possibilidades ao invés de um processo com um objetivo pré-definido.

Embora se reconheça a importância do «pensamento divergente» e do «pensamento lateral» no processo criativo, ambas as teorias preterem vários aspetos. Excluem, por exemplo, o pensamento analítico-racional do processo criativo, sendo que o pensamento racional é um instrumento indispensável em qualquer ato de criação: existem sempre momentos de análise, de seleção e de avaliação. Nas várias etapas de qualquer tipo de criação, são comparadas diferentes ideias e soluções, confirmadas as prioridades e avaliados os prós e os contras. Daqui se comprova, portanto, que a análise

exige tanto um pensamento crítico e racional como um pensamento intuitivo e emocional. Todos os aspetos, como: características pessoais, estilos cognitivos do indivíduo e as condições socio ambientais em que o indivíduo trabalha já foram identificados por uma das mais recentes teorias. De Bono *apud* Fernández (1996), «o pensamento lateral criativo ou divergente é a busca de outras formas de ver a realidade, de se mover em novas direções, de procurar diferentes perceções e conceitos, através de técnicas que evitam os mecanismos rotineiros do cérebro». Este pensamento envolve as seguintes posturas: fugir aos padrões fixos (predeterminados); desafiar paradigmas; criar alternativas, aceitar novas ideias e aguardar os resultados; procurar novos pontos de partida para continuar a evoluir. Este assunto tem sido estudado por vários autores, entre eles, Martin (1974) *apud* Machado (2012:9) «uma das condições para introduzir a criatividade, é habituar o aluno a ver o futuro com uma atitude inovadora». Miller (1986) *apud* Machado (2012:9) defende que a criatividade é algo que não se sabe definir, porém quando se descobre torna-se acessível reconhecer. Torre (1995) *apud* Machado (2012:9) explicava a criatividade como um grão de trigo que só produz riqueza quando é cultivado.

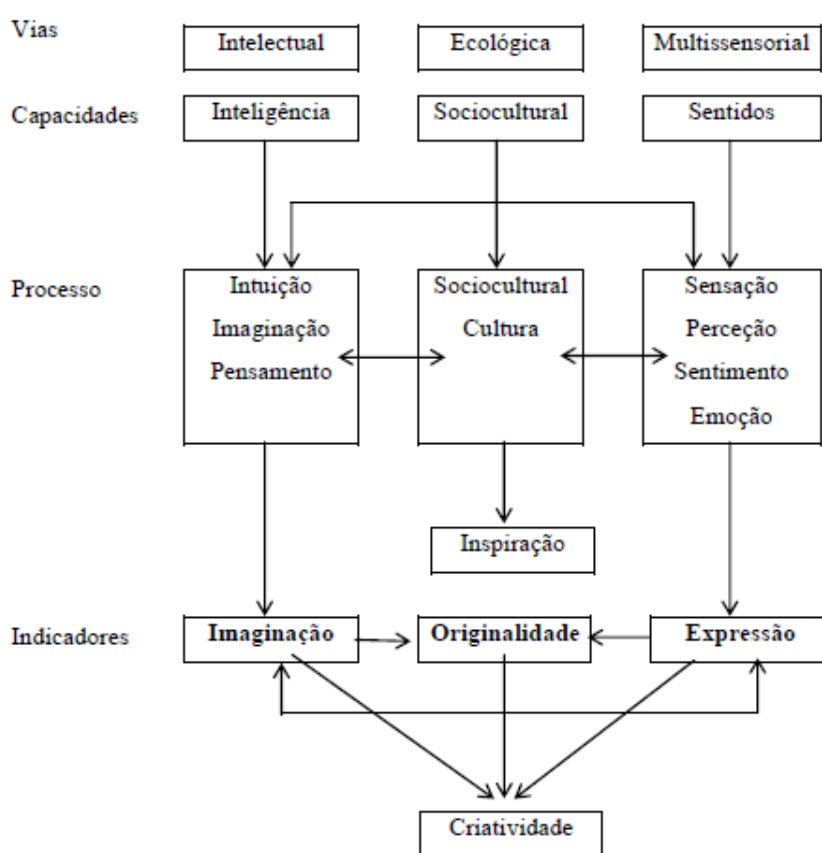
Gil e Bellmann (1999) *apud* Machado (2012:9) «a palavra criatividade tem origem etimológica no verbo *creare*, significando: como começar, gerar, formar». Inicialmente foi utilizada para caracterizar fantasia, imaginação, poder de abstração e inteligência. Santos e Serra (2007) *apud* Machado (2012:9) «mencionaram a criatividade como algo que podemos utilizar. É como exercitar um músculo.» A sua força, aptidão, adaptação a novos desafios é diretamente proporcional ao trabalho a que sujeitamos esse músculo. Schallcross (1989) *apud* Machado (2012:9) refere que a criatividade gera a essência de ser único, de fugir à norma, à vulgaridade «admitindo o desenvolvimento do próprio mundo da pessoa e o aprofundamento de experiências interiores».

Corrêa (2005) *apud* Machado (2012:10) cita sete componentes básicas para a criatividade, a saber: Promover atitudes criadoras; dinamizar potencialidades individuais; favorecer a originalidade, a apreciação pelo novo; desenvolver a inventiva, a expressão individual, a curiosidade e sensibilidade; promover o respeito pelos problemas; promover a receptividade às ideias novas; desenvolver a autonomia.

Mais uma vez, Corrêa (2005) *apud* Machado (2012:10) refere como critérios de criatividade, os seguintes: «originalidade; produtividade ou fluidez; flexibilidade;

elaboração; análise; síntese; sensibilidade para os problemas; abertura mental; comunicação e inventiva».

Béllon, (1998:23) *apud* Machado (2012:11) elaborou o modelo IOE (Imaginação, Originalidade e Expressão) que apresenta o trajeto criativo em quatro dimensões: «vias, capacidades, processo e indicadores». Sendo a imaginação (I) a flexibilidade para relacionar as vivências e as experiências, a originalidade (O) o cunho pessoal para elaborar os conteúdos do pensamento e a expressão (E) a disposição para captar estímulos e para expressá-los com sensibilidade.



Segundo o programa de português do ensino básico (2009:16), «entende-se por o resultado, dotado de significado e conforme à gramática da língua, de um processo de fixação linguística que convoca o conhecimento do sistema de representação gráfica adotado, bem como processos cognitivos e linguísticos complexos (planeamento, textualização, revisão, correção e reformulação do texto).»

Sendo a escrita, na história do homem, a sua forma de transmissão de conhecimento organizado, a sua «memória», ela tende também a uma maior especialização e complexidade. Amor (2003:110) refere que, nas sociedades letradas, «é

a forma socialmente valorizada, pelas suas potencialidades, e a que se impõe como referência normativa». Quental *apud* Teixeira (2009:44) defende que «há no espírito das crianças tendências poéticas e uma verdadeira necessidade de ideal, que convém auxiliar e satisfazer, como elementos preciosos para a educação». Desde pequena, a criança, tem contacto com o texto poético nas cantigas de embalar, nas cantigas de roda, nos trava-línguas, nas adivinhas. Assim a criança memoriza poemas e canções inteiras, envolvidas pelo ritmo, pela sonoridade, pelos jogos de palavras e, dessa forma, vai interiorizando esse universo poético, mantendo uma relação afetiva e de prazer com essa linguagem. Segundo Bordini (1986:26) «em contacto com o texto poético, a criança é tomada por vivências que a distanciam do seu ambiente linguístico e social.» Experienciar o poético pode agitar o que é habitual e consensual, proporcionando uma abertura à diferença. Neto *apud* Teixeira (2009:46) «O poético promove, no âmbito da língua materna, a aprendizagem da escrita e da leitura, bem como o aperfeiçoamento da oralidade.» Por sua vez, facilita a aquisição de novos vocábulos, assim como estimula o aparelho fonador repercutindo-se, no controlo respiratório, na correta articulação das palavras, entre outras potencialidades asseguradas pela dimensão poética. As diversas produções poéticas têm a liberdade de apresentação dos poemas, quer no que se refere à grafia e ao efeito visual. Quando a criança produz livremente o seu próprio texto, sente-se completamente motivada e procura produzir sempre mais e melhor. Assim, a formação de professores nesta área poética será uma mais-valia para estes e outros alunos que, motivados pelos seus colegas e professores, quererão seguir-lhes as «pisadas».

Capítulo 4 – Metodologia

O presente capítulo tem como intenção descrever o processo de intervenção implementado durante a PES no 2.º Ciclo do Ensino Básico, no decurso do mestrado em Ensino do 1.º e do 2.º Ciclo do Ensino Básico, ministrado na Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve, no ano letivo de 2013/2014. É crucial contextualizar o plano atendendo à turma para a qual foram delineadas as atividades na área do português e que fazem parte dum processo. Foi nesta turma que se procedeu à observação e planificação do plano de ação a ser cumprido, aquando da minha prática.

4.1 - Plano de ação em sala de aula

Pressupondo que a escrita é algo complexo e para que os alunos adquiram a componente compositiva, é necessário que dominem as estruturas linguísticas do português, que lhes permitam desenvolver um processo que envolve três componentes essenciais: a planificação, a escrita e a revisão. Estas devem ser praticadas e treinadas em sala de aula de forma sistemática, para que os alunos mobilizem os seus conhecimentos, hierarquizem as ideias que surgem numa fase de reflexão sobre o tema, monitorizem os seus conhecimentos de forma articulada na fase da textualização e para que revejam o texto produzido de modo reflexivo, ativando a sua metacsciência linguística, sempre, como é óbvio, com a orientação do professor e dos colegas.

Longe de ser uma mera transcrição de algo pré-definido, o processo de escrita de um texto (...) mobiliza uma variedade de componentes para formular as expressões linguísticas que figurarão no texto e é condicionado por uma série de fatores, cognitivos, emocionais e sociais, quando é levado à prática. (Barbeiro e Pereira, 2007: 16-17).

A escrita criativa deve cumprir o seu objetivo principal que passa exatamente por estimular a criatividade das crianças. O professor deve aproveitar todas as atividades que, ao invés de surgirem «soltas» na aula e frequentes vezes apenas servem para ocupar tempos mortos, deverão ser devidamente programadas no sentido de permitir aos alunos desenvolverem outras competências relacionadas com o ato de escrever: ortografia, construção sintática, enriquecimento lexical. Devem, por isso, na minha opinião, surgir de forma contextualizada, decorrentes da leitura e exploração de textos de diversa tipologia e devem ainda ser objeto de reflexão metacognitiva e metalinguística após a sua produção (reflexão essa inicialmente orientada pelo professor, mas gradualmente tornando o sujeito ativo na construção do seu saber).

Estou convicta de que escrever de forma lúdica e sem constrangimentos sublima todo o eventual e necessário esforço intelectual, transformando-se a escrita criativa num modo de ser e de estar pautado pelo prazer e bem-estar de quem a pratica. A criatividade é, pois, uma ferramenta fundamental no processo de ensino/aprendizagem da leitura e da escrita devendo contudo destacar-se a importância de implementar «estratégias adequadas às necessidades dos alunos de hoje, sem perder de vista a pedagogia/necessidade do esforço individual implicado no ato de escrever.» (Matos, 2012: 37).

Na fase de realização da experiência de ensino em contexto de sala de aula, no que diz respeito à iniciação por parte dos alunos, a primeira atividade de escrita criativa foi realizada no âmbito da PES e assistida pela professora-cooperante e pelo professor-supervisor. As restantes foram apenas assistidas pela professora-cooperante.

4.2 - Atividade 1: «Objetos inanimados podem contar histórias»

Pretendi, nesta aula, colocar objetos inanimados a contar histórias, como se fossem pessoas. Os alunos redigiram um texto coletivo a partir dum recorte de Hans Christian Andersen, um dos escritores incluído na lista de livros do Plano Nacional de Leitura.

Os conteúdos explorados nesta aula constam das metas curriculares de português do 2.º Ciclo do Ensino Básico: redigir corretamente, rever textos escritos e avaliar criticamente textos. Os objetivos desta aula também se encontravam nas metas curriculares e foram os seguintes: ajudar os alunos a respeitar as regras de ortografia, acentuação, pontuação e sinais auxiliares de escrita; avaliar a correção e a adequação do texto e proceder a todas as reformulações necessárias; controlar e mobilizar as estruturas gramaticais mais adequadas; corrigir o que, no texto escrito, se revelar necessário, condensando, suprimindo, reordenando e reescrevendo o que estiver incorreto; fazer apreciações críticas sobre os textos lidos (por exemplo, se o tema e o assunto são interessantes e porquê; se a conclusão é lógica; se os alunos concordam ou discordam com o desenlace e porquê; sugerir alternativas).

No início da aula, dividi os alunos num grupo de três elementos e em quatro grupos de quatro elementos. Distribuí, por cada grupo, o seguinte recorte da autoria de Andersen:



Figura 1 - «Pierrot, árvore, anjo e uma bailarina no seu ninho no topo da árvore». (Andersen)

Expliquei à turma o objetivo da primeira tarefa: cada grupo teve de escrever três ou quatro frases (dependendo do número de elementos do grupo), acerca da imagem. Todas as frases foram, depois, registadas no quadro de ardósia.

Após concluída a tarefa, a totalidade das frases foi lida e editada de modo a obter-se um texto coeso e gramaticalmente correto. O texto ficou com forma versificada. A tarefa de transformar um recorte num texto foi, de certo modo, um momento poético, por se tratar dum diálogo entre os alunos e o papel recortado.

A tarefa seguinte consistiu em copiar o texto final para o caderno e computador, para mais tarde fazer parte de uma coletânea de textos escritos pela turma.

No final da aula, depois do texto construído, questionei a turma acerca do autor do recorte e de alguns dos contos que ele escreveu, tendo feito referências, entre outros, à *Sereiazinha*, ao *Soldadinho de Chumbo*, ao *Patinho Feio*, ao *Rouxinol* e à *Rainha das neves*, alguns deles documentados no texto «A arca voadora», que foi abordado na aula de dia 21 de janeiro. Foram projetadas algumas imagens destes e outros recortes do autor, de modo a que os alunos aumentassem a sua cultura e visão criativa.

A avaliação dos alunos foi feita atendendo às vertentes «oralidade e escrita», participação na atividade, autonomia, aquisição de vocabulário, motivação e empenho na realização das diferentes tarefas propostas.

Foi entregue aos alunos uma ficha de autoavaliação para os mesmos preencherem de acordo com o que realizaram durante a aula.¹

4.3 - Atividade 2: «Continuação da elaboração dos textos»

Nesta aula (24 de janeiro de 2014) os alunos desenvolveram um texto coletivo a partir das frases elaboradas na atividade 1, realizada a 14 de janeiro de 2014 (aula assistida pela professora-cooperante e pelo professor-supervisor). Na aula seguinte, realizada a 17 de janeiro de 2014, foi solicitado aos alunos que em casa lessem as frases construídas na atividade 1 e que as complementassem com novas informações e pormenores.

Os conteúdos a explorar constavam, mais uma vez, das metas curriculares de português do 2.º Ciclo do Ensino Básico: redigir corretamente, rever textos escritos e avaliar criticamente textos. Os objetivos desta aula também se encontravam nas metas curriculares e são os seguintes: ajudar os alunos a respeitar as regras de ortografia, acentuação, pontuação e sinais auxiliares de escrita; avaliar a correção e a adequação do texto e proceder a todas as reformulações necessárias; controlar e mobilizar as estruturas gramaticais mais adequadas; corrigir o que, no texto escrito, se revelar necessário, condensando, suprimindo, reordenando e reescrevendo o que estiver incorreto; Fazer apreciações críticas sobre os textos lidos (por exemplo, se o tema e o assunto são interessantes e porquê; se a conclusão é lógica; se os alunos concordam ou discordam com o desenlace e porquê; sugerir alternativas).

A primeira tarefa tinha como objetivo que cada aluno desse a conhecer oralmente o texto que desenvolvera em casa a partir das frases da atividade 1. A tarefa seguinte consistiu em misturar os textos dos alunos e criar um coletivo, com o auxílio do Microsoft Word. Na atividade seguinte, complementaram este texto coletivo com novas informações e detalhes transformando-o num texto com visão criativa.

A avaliação dos alunos foi feita atendendo às vertentes «oralidade e escrita», participação na atividade, autonomia, aquisição de vocabulário, motivação e empenho na realização das diferentes tarefas propostas.

¹ Segue em anexo

4.4 - Atividade 3: «Queremos personalizar o nome das personagens»

Depois de elaborado o texto da atividade 2, perguntei à turma se achava que o texto assim estava completo e poético. Depois de algum diálogo, chegámos a conclusão de que estava um texto «banal», faltava um cunho pessoal, ou melhor, que espelhasse a realidade da turma. Pretendeu-se então nesta atividade acrescentar algo de diferente ao texto produzido na atividade anterior.

Os conteúdos a explorar constavam, mais uma vez, das metas curriculares de português do 2.º Ciclo do Ensino Básico: redigir corretamente, rever textos escritos e avaliar criticamente textos. Os objetivos desta aula também se encontravam nas metas curriculares e foram os seguintes: ajudar os alunos a respeitar as regras de ortografia, acentuação, pontuação e sinais auxiliares de escrita; avaliar a correção e a adequação do texto e proceder a todas as reformulações necessárias; controlar e mobilizar as estruturas gramaticais mais adequadas; corrigir o que, no texto escrito, se revelar necessário, condensando, suprimindo, reordenando e reescrevendo o que estiver incorreto; fazer apreciações críticas sobre os textos lidos (por exemplo, se o tema e o assunto são interessantes e porquê; se a conclusão é lógica; se os alunos concordam ou discordam com o desenlace e porquê; sugerir alternativas).

O texto elaborado na atividade 2 foi projetado e foi solicitado aos alunos que dialogassem acerca de modificações e pormenores que pudessem ser efetuados e acrescentados. Esta aula teve como objetivo ser mais «aberta», deixando assim fluir a criatividade de cada elemento da turma.

4.5 - Atividade 4: «Recortes»

Já depois de concluída formalmente a PES, resolvi dialogar com a professora-cooperante para desenvolver mais uma atividade com os alunos, desta vez envolvendo o recorte, mas nunca descurando a escrita.

Para esta última atividade, foram necessários vários materiais: papel de seda de várias cores, cola, tesoura, revistas e jornais. O principal objetivo consistiu em os alunos recortarem à sua vontade os papéis e seguidamente escreverem uma frase sobre aquele recorte. A tarefa seguinte tinha como objetivo elaborar um cartaz da turma 6.º B, com os recortes e frases elaborados ao longo desta atividade. Tal como Andersen realizara vários recortes e os expusera, esta turma também o conseguiu fazer.

Capítulo 5 - Conclusões

A primeira atividade consistiu em separar a turma em cinco grupos de trabalho, três de quatro elementos e dois de três. Foi explicado à turma o objetivo da primeira tarefa: cada grupo deveria escrever três ou quatro frases (dependendo do número de elementos do grupo), acerca da imagem da autoria de Hans Christian Andersen.

Enquanto os grupos discutiam acerca das frases e das modificações que poderiam fazer em cada uma delas, percorri as mesas de modo a escutar os diálogos estabelecidos entre os alunos e perceber quais as dúvidas existentes, de modo a conseguir esclarecê-las. Quinze minutos após o início da atividade, todos os grupos já tinham as suas frases redigidas. Foi solicitado que um dos elementos de cada grupo as lesse.

Grupo A – três elementos

- O homem-galo era tão mau que odiava tudo o que era bonito.
- A bailarina pequenina estava no ninho da árvore a ouvir uma voz doce.
- A fada estava sentada na árvore à espera que algo acontecesse.

Grupo B – três elementos

- A bailarina está a dançar no ninho.
- A fada está sentada num ramo da árvore.
- O homem-galo está a olhar para o chão.

Grupo C- 3 elementos

- O homem com cabeça de pássaro observa a árvore.
- A fada está sentada num tronco a observar as mãos.
- A bailarina está a dançar dentro de um ninho no topo da árvore.

Grupo D – 4 elementos

- A fada-borboleta está sentada num tronco da árvore à espera que algo acontecesse.
- A bailarina está a dançar tão alto que quase toca no céu.
- A bailarina está a dançar em cima de um ninho.

O homem-pássaro está a cantar.

Grupo E – 4 elementos

A bailarina está a dançar na árvore.

Um homem está a olhar para a árvore e a gostar de a ver dançar.

A árvore tem magia.

A fada está a olhar para o homem.

De seguida, cada grupo entregou-me as respetivas frases para eu as escrever no quadro.

O homem-galo era tão mau que odiava tudo o que era bonito.

A bailarina pequenina estava no ninho da árvore a ouvir uma voz doce.

A fada estava sentada na árvore à espera que algo acontecesse.

A bailarina está a dançar no ninho.

A fada está sentada num ramo da árvore.

O homem-galo está a olhar para o chão.

O homem com cabeça de pássaro observa a árvore.

A fada está sentada num tronco a observar as mãos.

A bailarina está a dançar dentro de um ninho no topo da árvore.

A fada-borboleta está sentada num tronco da árvore à espera que algo aconteça.

A bailarina está a dançar tão alto que quase toca no céu.

A bailarina está a dançar em cima de um ninho.

O homem-pássaro está a cantar.

A bailarina está a dançar na árvore.

Um homem está a olhar para a árvore e a gostar de a ver dançar.

A árvore tem magia.

A fada está a olhar para o homem.

Depois das frases escritas no quadro, pedi para os alunos as observarem. Foram todas lidas e analisadas, de modo a eliminar, acrescentar, a melhorar e, por fim, a reescrevê-las.

O homem-galo era tão mau que odiava tudo o que era bonito.

A bailarina pequenina estava no ninho da árvore a ouvir uma voz doce.

A fada estava sentada na árvore à espera que algo acontecesse.

A bailarina está a dançar no ninho.

A fada está sentada num ramo da árvore.

O homem-galo está a olhar para o chão.

O homem com cabeça de pássaro observa a árvore.

A fada está sentada num tronco a observar as mãos.

A bailarina está a dançar dentro de um ninho no topo da árvore.

A fada-borboleta está sentada num tronco da árvore à espera que algo acontecesse.

A bailarina está a dançar tão alto que quase toca no céu.

A bailarina está a dançar dentro de um ninho.

O homem-pássaro está a cantar.

A bailarina está a dançar na árvore.

Um homem está a olhar para a árvore e a gostar de a ver dançar.

A árvore tem magia.

A fada está a olhar para o homem.

Alterações realizadas:



- frase retirada

- frase modificada

- frase mantida

No final da aula estava o seguinte texto no quadro:

Havia uma pequena bailarina que estava sentada em cima da Árvore Encantada.

Ela estava a dançar dentro de um ninho

Tão alto que tocava no céu.

A Fada estava sentada no ramo da Árvore à espera que algo acontecesse.

Esta chamava-se Fada-Borboleta e adorava tudo o que era bonito.

Havia um homem que estava à procura da fada e da borboleta.

Este era o Homem-Galo, que odiava tudo o que era bonito.

A Árvore-Encantada estava repleta de magia...

Seguiu-se um breve diálogo com a turma com o objetivo de levar os alunos a refletir sobre a atividade que acabávamos de realizar.

Eu: Este foi um exemplo das várias atividades que podemos desenvolver utilizando a nossa imaginação. Ainda precisamos de mais uma ou duas aulas para trabalhar este texto, de forma a melhorar a sua estrutura. Vão ver que o resultado final será surpreendente, pois a nossa imaginação é muito fértil. Já agora.... Sabem qual foi a técnica utilizada para criar a imagem que serviu de ponto de partida para a escrita do nosso texto?

Resposta de um aluno: Não, não sabemos!

Como nenhum dos alunos conseguiu responder à pergunta, resolvi mostrar uma folha de papel que já levava recortada e perguntei: Que técnica é que utilizei neste trabalho?

Aluno: Dobraste o papel e recortaste. Eu também sei fazer.

O aluno começou a dobrar um papel rapidamente efetuou dois recortes e entregou-mo.

Eu: Sabem quem é o autor deste recorte? (mostrei a imagem que serviu de ponto de partida para a construção do texto).

Aluno: Não, quem é?

Eu: É Hans Christian Andersen. Já ouviram falar?

Aluno: Não.

Eu: Então não conhecem a história do *Patinho Feio*?

Aluno: Sim, conheço.

Foi então que resolvi mostrar um PowerPoint², para dar a conhecer aos alunos, de uma forma lúdica e breve, um pouco da vida e obra deste autor.

Nesta altura faltavam apenas cinco minutos para a aula terminar e, como os alunos já se encontravam agitados, resolvi distribuir uma ficha de autoavaliação acerca do trabalho que desenvolveram e o que acharam da sua prestação na aula.

Como ficou acima explicitado, numa só aula não conseguimos trabalhar e concluir o texto. Há que valorizar as opiniões e sugestões dos alunos, o que leva o seu tempo. O importante é aproveitar ao máximo as ideias dos alunos, ainda que isso implique que o trabalho continue na aula seguinte. Prolongar o trabalho do mesmo texto ao longo de várias aulas também deve ser evitado, pois desmotiva os alunos e esse não é

² Segue em anexo

de todo o nosso objetivo. Aqui, o professor tem um papel preponderante na gestão do tempo e na adoção de estratégias que, não desvalorizando nem menosprezando as sugestões dos alunos, consiga com o trabalho fique concluído sem grandes demoras, deixando os alunos com vontade de repetir a atividade.

Afinal a escrita criativa deve «estar ancorada numa metodologia que privilegie um tratamento global do texto escrito, mas que permita (...) ao redator se ver confrontado, passo a passo, com a necessidade de tomar decisões relativamente aos desafios que lhe são lançados» (Leitão, 2008: 31).

Apenas dois dos alunos é que cumpriram o pedido na aula de 17 de janeiro e elaboraram, individualmente, a continuação do texto que tinha ficado por terminar. A atividade que tinha inicialmente pensado como sendo a número 2 teve de ser repensada devido a este percalço.

Havia uma pequena bailarina, que estava em cima da *Árvore Encantada*. Ela estava a dançar dentro de um ninho tão alto que tocava no céu. A fada estava sentada no ramo da árvore à espera que algo acontecesse. Esta chamava-se Fada-Borboleta e adorava tudo o que era bonito.

Havia um homem que estava à procura da fada e da bailarina. Este era o Homem-Galo que odiava tudo o que era bonito.

A árvore estava repleta de magia...E era essa magia que fazia com que a bailarina e a fada conseguissem viver, por isso se acontecesse algo à árvore a bailarina e a fada iriam ter problemas. Bom, um dia o Homem-Galo foi dar um passeio pela floresta quando começou a ouvir uma melodia muito bonita que para ele era horrível, já que odiava tudo o que era bonito. Já farto de ouvir aquilo decidiu ir por fim aquela melodia. Com uma cara muito zangada chegou lá e disse:

- Acabem com essa melodia horrível!

A fada e a bailarina chateadas responderam:

- Primeiro não é feia e segundo, só paramos com uma condição...

- Qual? – perguntou o Homem-Galo.

- Essa condição é parares de maltratar os animais e seres vivos do bosque. E a partir daí tudo começou a correr bem no bosque e por incrível que pareça o Homem-Galo tornou-se amigo da fada e da bailarina e ficaram amigos para sempre.

FIM!

Alexandre 6.º B N.º2

Um dia, a Fada-Borboleta e a bailarina estavam a brincar na *Árvore Encantada* e de repente, o Homem-Galo aparece com um camião para derrubar a *Árvore Encantada*. Se a árvore fosse derrubada, todas as fadas iam perder a sua magia.

- O que estás a fazer? – perguntou a bailarina.

- Vou derrubar esta árvore! – respondeu o Homem-Galo. – Para construir uma estátua comigo da minha própria cidade!

- Não podes fazer isso na *Árvore Encantada*! – exclamou a Fada-Borboleta. – Muito menos numa floresta!

- Posso sim! Vão morar ou brincar para outro sítio! – gritou – Esta árvore vai ser derrubada amanhã de manhã!

A Fada-Borboleta e a Bailarina decidem reunir para combinar um ataque ao Homem-Galo.

No dia seguinte, fizeram um campo de força à volta da floresta, depois convenceram...bem, digamos que torturaram o Homem-Galo até deixar a floresta em paz e chatear outras pessoas.

FIM!

Samuel 6.º B N.º 21

Quando estes dois textos surgiram em sala de aula, resolvi lê-los para toda a turma, este era o momento ideal para continuarmos o texto, dar-lhe alguma «vida», algo de novo, algo que fosse diferente, criativo. Este é o principal objetivo destas atividades. Os dois textos foram escritos no Microsoft Word, ao mesmo tempo que estava a ser projetado. Foram feitas modificações nos dois textos e os alunos resolveram torná-lo num só, dando o seguinte resultado:

Um dia, a Fada-Borboleta e a bailarina estavam a brincar na *Árvore Encantada* e de repente, o Homem-Galo aparece com um camião para derrubar a *Árvore Encantada*. Se a árvore fosse derrubada, todas as fadas iam perder a sua magia.

- O que estás a fazer? – perguntou a bailarina.

- Vou derrubar esta árvore! – respondeu o Homem-Galo. – Para construir uma estátua comigo da minha própria cidade!

- Não podes fazer isso na Árvore Encantada! – exclamou a Fada-Borboleta. – Muito menos numa floresta!

- Posso sim! Vão morar ou brincar para outro sítio! – gritou – Esta árvore vai ser derrubada amanhã de manhã!

A Fada-Borboleta e a Bailarina decidem reunir para combinar um ataque ao Homem-Galo.

No dia seguinte, fizeram um campo de força à volta da floresta, depois convenceram...bem, digamos que torturaram o Homem-Galo até deixar a floresta em paz e chatear outras pessoas.

A árvore estava repleta de magia...E era essa magia que fazia com que a bailarina e a fada conseguissem viver, por isso se lhe acontecesse algo à árvore a bailarina e a fada iriam ter problemas. Bom um dia o Homem-Galo foi dar um passeio pela floresta quando começou a ouvir uma melodia muito bonita que para ele era horrível já que odiava tudo o que era bonito. Já farto de ouvir aquilo decidiu ir por fim aquela melodia.

Com uma cara muito zangada chegou lá e disse:

- Acabem com essa melodia horrível!

A fada e a bailarina chateadas responderam:

- Primeiro não é feia e segundo só paramos com uma condição.

- Qual? – perguntou o Homem-Galo.

- Essa condição é parares de maltratar os animais e seres vivos do bosque. E a partir daí tudo começou a correr bem no bosque e por incrível que pareça o Homem-Galo tornou-se amigo da fada e da bailarina e ficaram amigos para sempre.

Apesar da maioria da turma não ter realizado a tarefa que lhes tinha proposto na aula de 17 de janeiro de 2014, o objetivo da atividade 2 foi cumprido, elaborar um texto a partir das frases da atividade 1, conferindo-lhes pormenores, utilizando a criatividade. O importante nestas situações é saber reter aprendizagens. Muitas atividades não correm como planeado, porém, um professor deve conseguir adaptar-se às situações, aos momentos da turma, às inconveniências que surgem no dia-a-dia da turma e continuar o planeado fazendo as alterações necessárias.

Depois da turma chegar a este texto, acharam, em consenso que faltava mais alguma coisa e foi então que surgiu a ideia de juntar os seus nomes aos nomes das

personagens, as que eram animais, mas com personalidade e fala os alunos resolveram dar-lhes um diálogo com o som correspondente a cada animal. Daí a serpente responder «não sssei» fazendo referência assim ao seu sibilar. O Homem-Galo passou a ser o Homem-Galodi (ideia do Diogo), A Fada passou a ser Fada-Lara (escolha da Lara), a Maria quis que a Bailarina passasse a Bailarina-Mimi. Surgiram novas personagens, o Urso-Zezoca (escolha do José), o Samuel teve a ideia de ser uma serpente que se chamava Ssam (com dois «s» para se ler tal como o sibilar das serpentes), o Gonçalo quis que existisse um Mocho Guga e o Alexandre quis criar a personagem Lobo Alex. Depois de se escrever o texto os alunos escolheram finalmente o título «A Floresta Encantada». Para ficar com um aspeto mais original e criativo e já que estava a ser utilizado o computador, pedi para os alunos pesquisarem algumas imagens que lhes fizesse lembrar o texto, para podermos dar-lhe mais vida. Depois de alguma pesquisa no motor de busca, os alunos chegaram a consenso e escolheram uma imagem de fundo para o texto final. O texto ficou com o seguinte aspeto, após duas aulas:

A Floresta Encantada

Um dia o Homem-Galodi foi dar um passeio pela floresta quando começou a ouvir uma melodia muito bonita que para ele era horrível já que odiava tudo o que era bonito. Já farto de ouvir aquilo decidiu ir pôr fim àquela melodia.

Com uma cara muito zangada chegou lá e disse:

- Acabem com essa melodia horrível!

A Fada-Lara e a Bailarina-Mimi chateadas responderam:

- Primeiro não é horrível e segundo só paramos com uma condição.

- Qual? – perguntou o Homem-Galodi.

- Essa condição é parares de maltratar os seres vivos do bosque.

O Homem-Galodi não concordou com essa condição e anunciou que voltaria para se vingar.

Certo dia, a Fada-Lara e a Bailarina-Mimi estavam a brincar na Árvore Encantada e de repente, o Homem-Galodi aparece com um camião para derrubá-la. Se a árvore fosse derrubada, todas as fadas perderiam a magia.

- O que estás a fazer? – perguntou a Bailarina-Mimi.

- Vou derrubar esta árvore para construir uma cidade! – respondeu o Homem-Galodi. – E além disso, vou fazer uma estátua com a minha imagem aproveitando a madeira desta árvore. – anunciou ele.

- Não podes fazer isso com a Árvore Encantada! Muito menos à floresta! – exclamou a Fada-Lara.

- Posso sim! Vão morar ou brincar para outro sítio! Esta Árvore e a restante floresta serão derrubadas amanhã de manhã! – gritou o Homem-Galodi muito zangado.

Foi tamanha a algazarra que todos os habitantes da Floresta se aproximaram da Árvore para ver o que se passava.

- O que é que se passa aqui? - perguntou o urso Zezoca.

- Não sssssei! – respondeu a serpente Ssam.

-Penso que vão destruir a Floresta! – respondeu o Mocho Guga.

- Nauuuu! – uivou o Lobo Alex.

Todos os animais se sentiram tristes e revoltados com aquela situação.

A Fada-Lara e a Bailarina-Mimi decidiram reunir todos os habitantes da Floresta para combinar um ataque ao Homem-Galodi.

No dia seguinte, fizeram um cerco à casa do Homem-Galodi e começaram a cantar uma canção que lhe tocou profundamente no coração. Emocionado com o acabara de ouvir prometeu a todos os presentes que não voltaria a ameaçar o bem-estar da Floresta.

A partir desse dia o Homem-Galodi percebeu a importância daquela Árvore, que estava repleta de magia e era essa magia que fazia com que a bailarina e a fada conseguissem viver. Por isso se acontecesse algo à Árvore, a Fada-Lara e a Bailarina-Mimi poderiam ficar sem poderes e a Floresta triste para sempre.



Figura 2 - «Aluno a recortar um jornal»



Figura 3 - «Recorte e colagem»



Figura 4 - «Mais recortes e ideias surgindo»



Figura 5 - «Concentração e espírito de equipa»

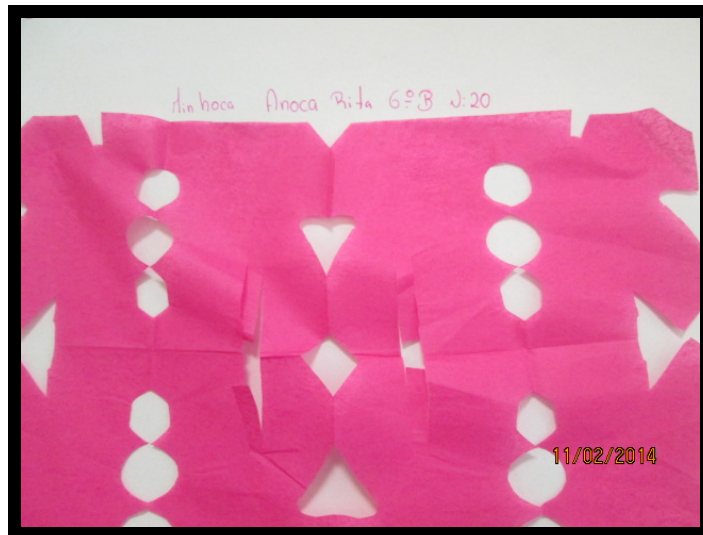


Figura 6 - «Minhoca Anoca»

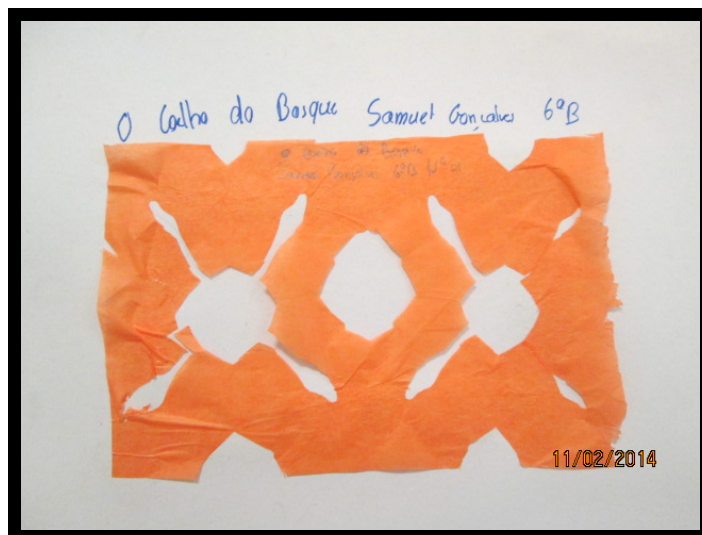


Figura 7 - «O Coelho do Bosque»

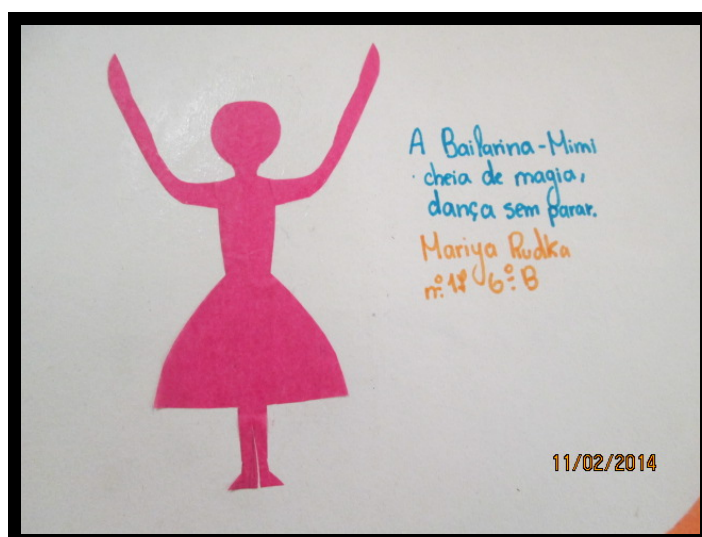


Figura 8 - «A Bailarina-Mimi cheia de magia, dança sem parar.»



Figura 9 - «O sol»



Figura 10 - «Aspeto final do cartaz do 6.º B»



Figura 11 - «O título do cartaz»

A atividade «recortes» foi a que teve mais sucesso e foi a mais simples de se concretizar. Posso daí concluir que para uma atividade ter sucesso e a criatividade surgir são apenas necessários dois elementos: motivação e imaginação. A turma reagiu muito positivamente à realização dos recortes, normalmente os alunos reagem bem a atividades que envolvam trabalhos manuais. Posso concluir que, como os alunos estavam motivados com a tarefa de recorte, conseguiram mais facilmente elaborar as frases para os complementar.

O cartaz foi exposto na sala de aula e lá permaneceu, pois, para esta turma, foi um motivo de grande orgulho, mostrar o seu trabalho às restantes turmas da escola.

No entanto, as atividades planeadas para esta turma revelaram-se insuficientes para desenvolver o plano delineado, talvez porque foram aplicadas durante a PES de português. Terá sido esta a razão pela qual os resultados das atividades de escrita criativa não tivessem os resultados que se pretendia.

Posto isto, senti que seria necessário repensar e reformular estratégias para voltar a trabalhar com a turma a escrita criativa. Pensou-se, então, numa outra forma de operacionalizar: a atividade teria continuidade na mesma turma e no mesmo contexto, durante e após a realização da PES de Português, durante mais quatro aulas de noventa minutos. Três durante o período de PES e uma depois. Verificou-se, depois, que este processo se revelou mais vantajoso, pois desta forma, as sessões destinadas à implementação das atividades eram exclusivamente dedicadas à escrita criativa e os objetivos pretendidos foram atingidos.

Esta turma revelou-se, no geral, atenta, participativa e interessada no desenvolvimento de cada uma das atividades. Em termos de comportamento, os alunos eram muito «faladores» e revelavam alguma agitação, mas respeitavam não só a professora-cooperante, como a professora-estagiária. Em termos de aproveitamento, a

turma era heterogénea e a maioria dos alunos revelou inicialmente alguma dificuldade em sugerir, desenvolver ideias e registá-las, demonstrando alguma inibição que se foi diluindo com o decorrer das atividades, no âmbito da escrita criativa.

Reflexão final

Em contexto de PES, os professores-estagiários têm por referência a prática pedagógica dos professores-cooperantes, por não terem experiência na prática da docência, e que, por essa razão, não têm experiências pessoais concretas sobre as quais deverão refletir e proceder a mudanças. Esta ação refletida, para Dewey (1953), perspetiva uma abertura de espírito do professor-educador que lhe permita examinar, constantemente, as fundamentações lógicas da ação, indagando o «porquê» e o «como» do que desenvolveu, em contexto educativo. A abertura de espírito implica, segundo este pedagogo, a ponderação cuidadosa e responsável das tomadas de decisão, planeando a ação de acordo com as intencionalidades que define e lhe permitem saber qual é o seu papel enquanto ator e autor.

A importância da formação contínua na carreira profissional dos professores tem sido uma enorme mais-valia não só na progressão da carreira docente, mas sobretudo na atualização permanente de conhecimentos, na área da educação.

Este relatório está focado no meu percurso formativo em contexto escolar na componente de investigação numa das áreas curriculares, neste caso o português. Neste capítulo, apresento um balanço final da PES, baseado nas minhas experiências e percurso desta formação-estágio.

García (1999) *apud* Mesquita (2010:5) «a fase da formação inicial é vivida numa instituição de formação de professores, onde o futuro professor assimila conhecimentos pedagógicos e onde começa por realizar as suas práticas de ensino». A fase de formação inicial, neste caso vivida durante a PES, pode traduzir-se no primeiro contacto com a realidade profissional, envolvida em experiências práticas, profissionais e até mesmo pessoais. É um período crucial, que permite possibilitar ao futuro docente o desenvolvimento de potencialidades, para que possa crescer profissionalmente, ao longo da sua carreira. Torna-se fulcral o estabelecimento de relações e interações entre o futuro docente e os alunos, os professores-cooperantes, professores-supervisores e restante comunidade educativa, onde se encontra a estagiar.

O conhecimento não é estático, acabado, perene, uniforme, muito pelo contrário, cada vez mais o conhecimento é algo aberto, provisional, mutável, diverso e em permanente reconstrução e não podemos olhar para os professores que estamos a formar como indivíduos passivos, recipientes vazios, seres sem experiência, mas como pessoas em crescimento e, portanto, ativos, criativos, com experiência e individualidade próprias (Alonso,1988:57). Do futuro docente espera-se a aceitação de críticas e sugestões e estar completamente receptivo a novos conhecimentos, experiências e ideias.

Ao longo de todo o processo de estágio, tentei integrar-me na comunidade educativa, desenvolvendo relações de amizade, proximidade e profissionalismo com os professores-cooperantes e professores-supervisores, ouvindo sempre as suas opiniões, experimentando as suas ideias, adaptando-me e adotando as suas convicções, enquanto profissionais experientes. A minha receptividade, espírito de abertura e confiança nos docentes com quem exerci a minha prática pedagógica, terão sido algumas das razões pelas quais me senti sempre bem acolhida por todos os profissionais com os quais tive o prazer de trabalhar. Embora consciente das dificuldades com as quais me irei deparar ao longo do meu percurso profissional, acredito e defendo que o professor tem um papel decisivo na formação de seres capazes de pensar criticamente, expressando as suas opiniões, valores e princípios, capazes de viver em sociedade. Sei, também, que me irei deparar com dificuldades, adversidades e diferentes mentalidades, mas tudo isto é válido e necessário para a construção de uma carreira rica em experiências e adaptada a constantes mudanças, exigidas pela atual sociedade. É assim que concebo «ser-se professor». O professor não é «o centro do sistema educativo» Teixeira (1993:5), este lugar pertence ao aluno. O professor funciona como uma peça fundamental do sistema de ensino e deve ser um modelo para os alunos.

O início da minha PES possibilitou-me colocar em prática todos os conhecimentos teóricos que recebi ao longo do meu percurso escolar. Tentei ao máximo demonstrar-me receptiva a novos conhecimentos e novas experiências. Esta atitude facilitou a relação com os professores-cooperantes, professores-supervisores e restante comunidade educativa. Todos se mostraram sempre disponíveis em colaborar na minha formação, de modo a tornar esta fase numa experiência de sucesso.

Ainda numa primeira fase, a PES permitiu-me observar e registar informações dos alunos em contexto de sala de aula as quais facilitaram a minha integração gradual na dinâmica de cada turma, começando desde logo a pensar em atividades que poderia aplicar e desenvolver na fase seguinte, a fase da prática em contexto de sala de aula.

Bibliografia

ALARCÃO, I. (2000). *Escola reflexiva e supervisão - uma escola em desenvolvimento e aprendizagem*. Porto: Porto Editora.

ALONSO, M. (1988). *A avaliação do professor como instrumento de inovação: um modelo para o desenvolvimento profissional dos professores*. In *Ser professor: contributos para um debate*.

AMOR, Emília (2003). *Didática do Português: Fundamentos e Metodologia*, Lisboa, Texto Editora.

BARBEIRO, L. & PEREIRA, L. (2007). *O Ensino da Escrita – a dimensão textual*. Lisboa: ME/DGIDC.

BORDII, M.G. (1986). *Poesia Infantil*. São Paulo Ática.

CONNEL, R. (1997). *Pobreza e educação*. In Pablo Gentili (Org.), *Pedagogia da exclusão. Crítica ao neoliberalismo em educação*: Petrópolis: Vozes.

DEWEY, J. (1953). *Como Pensamos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

DIÁRIO DA REPÚBLICA, Decreto-lei n.º 43/2007, de 22 de fevereiro. DIÁRIO DA REPÚBLICA, Despacho N.º 8322/2011, de 16 de junho.

EDUCAÇÃO, M. d. (2009). *Programa do português do Ensino Básico*. Lisboa.

EDUCAÇÃO, M. d (2012). *Metas Curriculares de Português*. Lisboa

ESTRELA, M. (2002). *Modelos de formação de Professores e seus pressupostos conceptuais*. Revista de Educação, Vol. XI, n.º 1.

FÁVERO, M. (1992). *Formação de professores: pensar e fazer*. São Paulo: Cortez.

FERNÁNDEZ, Rosa (1996). *La creatividad en la composición escrita. Bases para un modelo didáctico* [Consult. 10 de março de 2014]. Disponível em <http://www.iacat.com/1-Cientifica/Rosacazon.htm>

H.C. Andersen Hus, disponível em <http://hca.museum.odense.dk/klip/billedvis.asp?billednr=17289&antal=113&language=en>, consultado a 9 de janeiro de 2014

LEITÃO, N. (2008) *As palavras também saem das mãos. Noesis*. N.º78.

MACHADO, S. (2012). *A escrita criativa no 1.º Ciclo*. Instituto Politécnico de Beja. (Estudo para o relatório final)

- MATOS, J. (2012). *Escrita criativa*. [Consult. 20 de julho de 2014]. Disponível em http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/95/Cad_2EscritaCriativa.pdf?sequence=2
- MORGADO, J. (1999). *A relação pedagógica: diferenciação e inclusão*. Lisboa: Editorial Presença.
- MORGADO, J. (2004). *Qualidade na educação. Um desafio para os professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- MESQUITA, Elza (2010). *Formação inicial, profissão docente e competências para a docência: a visão dos futuros professores*. Instituto Politécnico de Bragança. Eduser: revista de educação, Vol 2(1),
- PERRENOUD, P. (2000). *Dez Novas competências para Ensinar*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- TEIXEIRA, Manuela (1995). *O Professor e a Escola. Perspectivas Organizacionais*. Lisboa: McGraw-Hill.
- TAFOL, Belisanda (2011). *O papel da supervisão na mudança das práticas pedagógicas*. Instituto Politécnico de Lisboa
- TEIXEIRA, Mónica (2009). *A importância do texto poético no desenvolvimento cognitivo e estético da criança do 1º Ciclo: relato de uma experiência*. Universidade da Beira Interior,

Anexos

Anexo 1 – «Ficha de autoavaliação»



Autoavaliação do trabalho – 6.º B

Nome: _____ N.º _____ Turma: _____ Data: _____

Parâmetros	Sempre	Raramente	Nunca
✓ Participei na aula			
✓ Cumpri as tarefas que me foram atribuídas.			
✓ Dei as minhas opiniões.			
✓ Fui capaz de transmitir as minhas ideias por escrito.			
✓ Fui capaz de transmitir as minhas ideias oralmente.			
✓ Contribuí para um bom clima de trabalho.			
✓ Respeitei as opiniões e atitudes dos meus colegas.			

Anexo 2 – «Powerpoint utilizado na aula assistida»



Agrupamento de Escolas
Dr. Francisco Fernandes Lopes
E.B. 2,3 Dr. António João Eusébio



Hans Christian Andersen

❖ Biografia

❖ Recortes

❖ Contos

Hans Christian Andersen



Nacionalidade	Dinamarquês
Data de nascimento	2 de Abril de 1805
Assinatura	
Página oficial	www.hcandersen.dk

Recortes

Recortes



Recortes



Recortes



Recortes

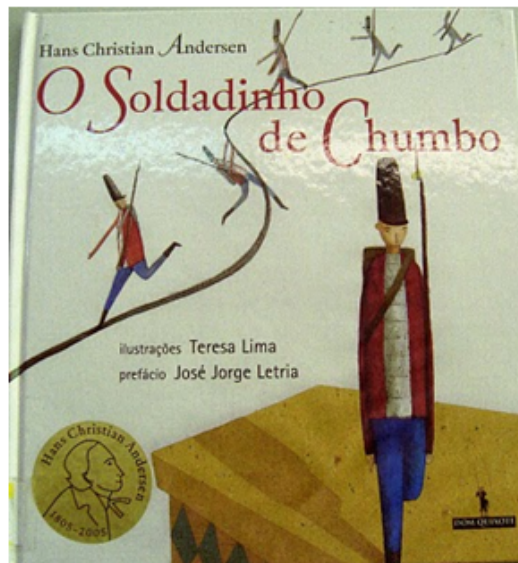


Contos

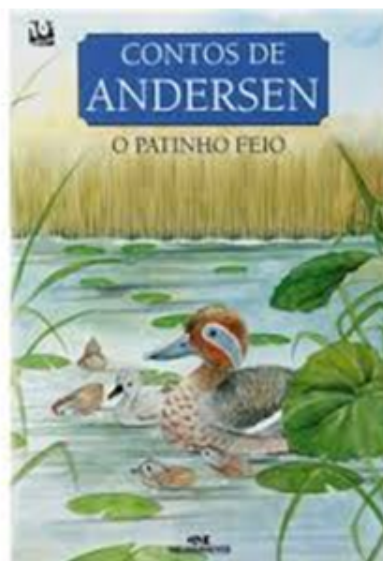
Contos de Andersen



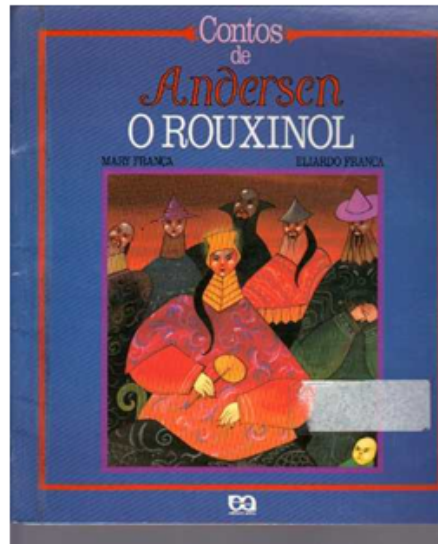
Contos de Andersen



Contos de Andersen



Contos de Andersen



Contos de Andersen

